

São Pedro luta por infra-estrutura

AJ 20053

Reportagem de Carminha
Corrêa e Rita Tristão
Fotos de Joaquim Nunes

O bairro mais polêmico e, ao mesmo tempo, mais mobilizado em termos de reivindicação por melhorias de vida, continua lutando pela conclusão das obras prometidas dentro do projeto Pró-Morar. São Pedro, um antigo manguezal, onde hoje vivem aproximadamente 30 mil pessoas, quer ver terminados os trabalhos de infra-estrutura e saneamento, pois muitas de suas ruas carecem de pavimentação,

Sem o Pró-Morar as obras foram sendo paralisadas

Com a paralisação das obras do Pró-Morar, o serviço de infra-estrutura do bairro ficou incompleto. Ainda existem diversas ruas sem calçamento e outras que não foram abertas e a falta de iluminação pública atinge várias áreas do local. E este problema consiste em uma das grandes reclamações da população, que espera há meses uma solução por parte da Prefeitura de Vitória.



Edson: "Acesso para as pedras"

Falta de escolas deixa 75% das crianças sem estudar

Cerca de 75% das crianças, de seis a 14 anos de idade, no bairro São Pedro, estão fora da escola pois o número de salas de aulas é insuficiente para atender toda a demanda da comunidade. Atualmente só existem dois colégios prestando atendimento educacional. São a escola José Lemos de Miranda, construída há 15 anos e a Francisco Lacerda de Aguiar, popularmente conhecida como "Grito do Povo".

iluminação pública e rede de esgoto. Agora, lutam também para obter as escrituras definitivas dos terrenos.

No setor de saúde, os moradores reclamam que o único posto atende apenas 10 pessoas por dia e não há pediatras nem vacinações. Na área de transporte, as crianças são as mais prejudicadas, porque não são bem tratadas pelos motoristas quando necessitam do veículo para ir à escola. O mais grave é que 75% dos menores em idade escolar não estudam por falta de mais escolas. O lazer é pouco, mas a esperança é de melhoria, com a conclusão da praça São Pedro e do parque Dom João Batista.

São Pedro I, o primeiro que surgiu, possui muitas ruas calçadas, mas o projeto prevê a construção de calçadas, que ainda não foram concluídas. Nas vias que não receberam pavimentação, a situação aflige os moradores, como é o caso da rua da Ferradura, que está sem passeio obrigando a população a usar como acesso quintal de um vizinho, contou uma das prejudicadas, Terezinha Florentino. A avenida Beira-Mar também não foi concluída.

Para a execução do projeto Pró-Morar, o bairro foi dividido em duas etapas de obras. A parte que ainda não recebeu nenhum tratamento fica na pedreira, onde residem inúmeras famílias. Neste local, a rua Manoel Rozindo não foi aberta totalmente e está precisando de aterro e pavimentação. Edson Ornelas Meneguici, um dos moradores desta região, explicou que a conclusão dessa via é importante, pois dará melhores condições de acesso às famílias que residem nas pedras.

De acordo com um levantamento feito pelo presidente do Movimento Comunitário, Ruy Coelho, falta ainda concluir aproximadamente 30% das obras de infra-estrutura, incluindo aí o saneamento. Informou que a comunidade conseguiu uma audiência para o dia 16 de abril, com o prefeito Berredo de Menezes, que irá ao bairro discutir todos os problemas relacionados ao fim dos serviços.

E na rua da Faesa, os moradores estão querendo pavimentação e a conclusão de sua abertura. Neste local, a grande preocupação de Maria Emerenciana, é uma pedra que, com as chuvas fortes de janeiro, se deslocou alguns centímetros. Ela e outras famílias estão ameaçadas, temendo o deslizamento da pedra em cima das casas. Eles estão solicitando a presença de técnicos da PMV para ir ao local detectar o problema, e sugerem que a rocha seja aproveitada para a pavimentação da via.



O bairro foi surgindo do mangue e acumulando problemas quase insaneáveis

Poucas ruas do bairro possuem rede de esgoto

Poucas ruas do bairro possuem rede de esgoto e na área onde foi implantada a primeira etapa do projeto Pró-Morar o serviço não foi concluído e a proposta inicial foi invertida: ao invés de se construir uma usina de tratamento foi implantado o sistema de fossa séptica, processo



Os esgotos são lançados a céu aberto

totalmente inadequado para região de manguezal.

O presidente do Movimento Comunitário, Ruy Coelho, afirmou que as famílias estão sendo obrigadas a construir fossas nos seus quintais, de modo que todos os dejetos são lançados no mar sem sofrer qualquer tratamento, poluindo toda a água. "Os detritos se acomodam no fundo da fossa mas a água segue suja para o mar", disse ele.

NA PEDRA

Em São Pedro IV, região bem próxima de São Pedro I, localizado no alto do morro, os moradores estão sofrendo problemas ainda mais sérios. Como eles estão instalados sobre uma pedra não existe meios de construir fossa e todo o esgoto está sendo lançado abertamente sobre a pedra. Isso tem provocado uma incidência muito grande de moscas contaminadas que posam nas crianças que estão sempre cheias de feridas, conforme denunciou Maria de Lourdes Pereira de Magalhães.

É muito comum encontrar pelas ruas do bairro valas de esgotos totalmente abertas cujos detritos provocam a contaminação de todos os moradores.

Nos últimos dias a comunidade está sofrendo com problemas de falta de água. Alguns moradores já telefonaram para a Cesan, que prometeu resolver o caso. Eles foram informados que hoje haverá novo corte no fornecimento. "Nós aqui não temos opção. É uma loucura quando a água não chega", afirmou Maria de Fátima.

Atendimento médico não está satisfazendo a comunidade

A prestação de serviço médico-odontológico à população do bairro não vem satisfazendo as necessidades, pois apenas dois médicos e um dentista foram colocados para atender a aproximadamente 6 mil famílias, apenas de São Pedro I. A comunidade reivindica a construção de uma unidade sanitária, onde pudessem utilizar a vacinação e tivessem um pediatra à disposição, o

Lucina Brito Reginaldo reclamou do fato de que apenas cinco pessoas em cada horário, podem ser atendidas no posto de saúde, e, por isso, ela vem utilizando o atendimento médico da Santa Casa de Misericórdia. Contou que nas vezes em que procurou o posto local, teve que chegar muito cedo, para conseguir uma ficha.

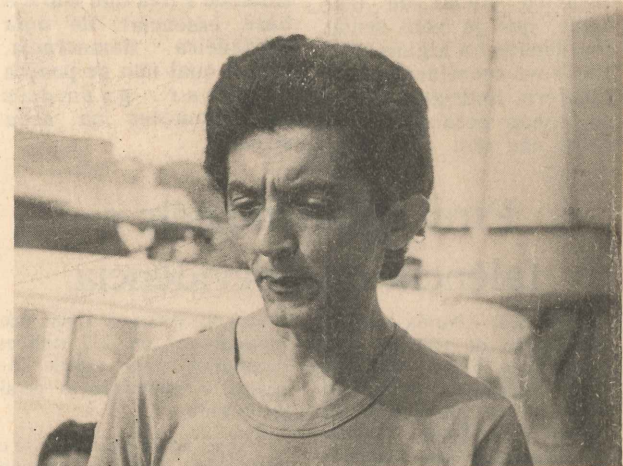
Neusa Lima Brito, não concorda com essa situação e defende a construção de uma unidade de

GAZETA NOS BAIRROS

Manifestação pretende apressar escrituras

Amanhã, os moradores do bairro farão uma concentração na Assembléia Legislativa com a finalidade de conseguir apoio dos políticos para que recebam as escrituras de suas áreas definitivamente. A comunidade reclama que ninguém recebeu ainda esse documento, que vai dar garantias de posse às famílias.

Para que sejam fornecidas as escrituras, segundo explicou o presidente do Movimento Comunitário, é necessário que sejam concluídas as obras de urbanização, conforme exigência feita pelo Serviço de Patrimônio da União (SPU), quando a PMV requereu o direito de posse para os moradores. Além disso, é necessário que a Prefeitura prepare toda a documentação necessária em cartório, para efeito de legalização. Salientou Ruy Coelho que em junho próximo expira o prazo de cinco anos dado pelo SPU para a realização dos serviços de melhorias. Só que os recursos do Pró-Morar acabaram e as obras estão paralisadas. Além da infra-estrutura e saneamento, falta a urbanização, conforme concluiu a praça São Pedro, o parque Dom João Batista e a arborização.



Rui Coelho: "Sem escritura, ninguém é dono"

Apenas três policiais para 30 mil pessoas

Para atender a uma população de 30 mil habitantes existe no bairro São Pedro apenas um destacamento do policiamento ostensivo da 1ª Companhia de Trânsito da Polícia Militar, onde três policiais trabalham sem viaturas ou telefone. Segundo os moradores, de dois anos para cá, os problemas de segurança começaram a se agravar no lugar, desde o momento em que os políticos passaram a interferir na administração do bairro. disse que a violência no bairro começa pelos próprios policiais que têm por hábito bater nas pessoas pelo meio da rua, diante dos olhos de todos os moradores. "Acho que isso não pode acontecer. Eles devem prender as pessoas e levá-las para o destacamento e lá dentro corrigi-las da melhor maneira", disse a mulher. O prédio do destacamento é novo e foi construído com verbas do projeto Pró-Morar e todos os presos no bairro são encaminhados

comunidade. Atualmente só existem dois colégios prestando atendimento educacional. São a escola José Lemos de Miranda, construída há 15 anos e a Francisco Lacerda de Aguiar, popularmente conhecida como "Grito do Povo".

segunda água para os alunos, provocando as salas de aula. A estudante Maria de Lourdes Silva Nascimento reclamou também da falta de segurança existente nesse colégio. "A noite, o pessoal que fica do lado de fora joga vários objetos naqueles que estão estudando. A gente acaba chegando em casa toda suja, às vezes até machucada", disse a moça.

O secretário de Educação da Prefeitura de Vitória, Nelson Pito, durante a realização de uma assembléia dos moradores, prometeu à comunidade que reformaria a escola, só que até agora nada foi feito. Quando à escola Grito do Povo, está em ótimas condições de uso, só que os moradores estão reivindicando a construção de muro como forma de oferecer maior segurança aos alunos. Até hoje a população de São Pedro não aceita o nome que a PMV deu a escola e desde que a Prefeitura passou a assumir a administração do colégio, impondo suas decisões sem consultar a comunidade, os pais dos alunos estão se afastando aos poucos das atividades escolares dos filhos e "perdendo o interesse", disse Graça Andreata, uma das professoras desse estabelecimento de ensino.

No bairro existem apenas três creches atendendo às crianças de zero a cinco anos de idade, cuja comunidade é composta por cerca de 30 mil habitantes. Na opinião dos moradores, este número também é insuficiente pois a demanda é bastante grande. "Numa pesquisa rápida realizada no ano passado, em algumas ruas do bairro, pôde ser anotado que cerca de 300 crianças em idade de creche não tinham onde ficar", denunciou Graça Andreata. Eles estão pedindo que sejam construídas pelo menos mais três creches, no sentido de atender melhor os filhos dos desempregados.



Maria de Lourdes: "Falta segurança"

satisfazendo a comunidade

A prestação de serviço médico-odontológico à população do bairro não vem satisfazendo as necessidades, pois apenas dois médicos e um dentista foram colocados para atender a aproximadamente 6 mil famílias, apenas de São Pedro I. A comunidade reivindica a construção de uma unidade sanitária, onde pudessem utilizar a vacinação e tivessem um pediatra à disposição, o que hoje representa uma grande falta para o local.

O Movimento Comunitário colocou à disposição um prédio, onde a LBA promove a distribuição de alimentos, para a instalação desta unidade, e assim reduzir os custos do projeto. O posto médico funciona com dois clínicos, atendendo pela manhã e à tarde, mas apenas 10 pessoas podem ser beneficiadas com as fichas diariamente. E o posto odontológico atende 11, só que não faz grandes cirurgias, e apenas extração e pequenas obturações.

Lucina Brito Reginaldo reclamou do fato de que apenas cinco pessoas em cada horário, podem ser atendidas no posto de saúde, e, por isso, ela vem utilizando o atendimento médico da Santa Casa de Misericórdia. Contou que nas vezes em que procurou o posto local, teve que chegar muito cedo, para conseguir uma ficha.

Neusa Lima Brito, não concorda com essa situação e defende a construção de uma unidade de saúde, onde haja mais médicos, radiografias e vacinações. Ela disse que há pouco tempo, com um dos filhos doente, conseguiu ser atendida às 14 horas, isto depois de ter ido para a fila às 5 da manhã, sem sucesso, retornando ao meio-dia, quando então recebeu uma ficha.

Na rua Natal, em São Pedro II, uma pocilga está incomodando os moradores, porque o cano do esgoto rompeu e os dejetos estão expostos. A comunidade está pedindo fiscalização da Secretaria da Saúde.

Moradores esperam maiores opções para o divertimento

São poucas as atividades de lazer proporcionadas à comunidade. O parque Dom João Batista ainda não foi concluído, estando prevista a instalação de play-grounds, quadras de esporte e arborização. Também foi projetada uma praça, que não começou a ser construída. No local, hoje está instalado um parque de diversões, para dar mais uma opção de lazer à população.

Uma das reivindicações dos moradores é o retorno da prainha que possuíam no canal próximo, que hoje está com acesso impedido pela Faesa dona de uma área ao lado, que construiu

um muro, não deixando ninguém tomar banho. Esta era uma das fontes de lazer, principalmente das crianças, que não dispõem de nenhum lugar seguro para um mergulho.

O parque Dom João Batista possui uma imensa área e, até agora, foram delimitados os espaços de lazer e colocação de alguns bancos. Entretanto, apesar de não estar concluída, a criançada dá um jeito para jogar um futebol. Só que durante a noite, as pessoas não podem utilizar o local, por completa falta de iluminação.

apenas um destacamento de pessoas pelo meio da rua, policiamento ostensivo da 1ª Companhia de Trânsito da Polícia Militar, onde três policiais trabalham sem viaturas ou telefone. Segundo os moradores, de dois anos para cá, os problemas de segurança começaram a se agravar no lugar, desde o momento em que os políticos passaram a interferir na administração do bairro, além da crise econômica que aumentou o número de desempregados. "Antes, os problemas eram resolvidos pela própria comunidade. As assembléias de quinta-feira foram transformadas em júri popular. Hoje, a situação é muito grave e séria", disse Ana Fátima Machado Silva.

Esta mesma moradora

Os moradores estão pedindo providência em relação ao parque Dom João Batista, pois o local está se tornando perigoso. Não existe iluminação pública e as pessoas que moram na redondeza não podem sair de casa.



Ana de Fátima: "Assembléias viraram júri popular"

Transporte coletivo não respeita criança

As crianças do bairro são as que mais sofrem com os problemas causados pelo serviço de transporte coletivo prestado precariamente à comunidade. Os motoristas dos ônibus não param nos pontos de embarque de passageiros se o sinal tiver sendo dado por um menor. Como os preços das passagens é muito acima do poder aquisitivo da população, — formada basicamente de desempregados ou trabalhador de salário mínimo — as crianças tentam passar debaixo da roleta e são maltratadas pelos trocadores. Essa denúncia foi formulada por Maria Lúcia Santos, cujo filho foi vítima de vários funcionários da empresa Grande Vitória, que presta serviço ao bairro.

O presidente da comissão de transportes do Movimento Comunitário do bairro São Pedro, Nestor Caetano, está reivindicando o cumprimento da lei aprovada em dezembro do ano passado, de forma que todas as linhas que servem ao bairro até Vitória circulem pelos hospitais. Uma outra solicitação dos moradores é que os ônibus do bairro Joana Darc sejam estendidos até São Pedro.

O último horário de ônibus da cidade para o bairro é às 23h30m, por isso, os moradores, principalmente aqueles que trabalham à noite, têm grandes dificuldades em voltar para casa depois desse horário. Elias Silveira Brito é garçom e nos finais de semana seu trabalho termina de madrugada e voltar para casa é um sacrifício. "Até a cidade a gente sempre encontra uma carona mas do centro até São Pedro temos, às vezes, que tomar um táxi, que nos leva em média Cr\$ 30 mil. O que a gente ganha é para pagar o táxi", reclamou o morador.

Por se tratar de uma comunidade carente poucas pessoas no bairro são proprietárias de veículos, à noite, se alguém adoecer, não existe saída. Só pela manhã é que se pode chegar até o hospital ou a um posto de saúde, pois os ônibus só circulam a partir das 5 horas. "Aqui a gente acaba morrendo por falta de condução", afirmou o presidente da comissão de transporte, que reivindica a permanência de coletivo circulando durante a noite, de hora em hora, pelo menos.